

Híbridos de Cattleyas Brasileiras e seus Híbridores . 1

ÁLVARO PESSÔA¹

Quem deveria escrever sôbre este assunto era, obviamente, Rolf Altenburg e não um orquidófilo com apenas doze anos no ramo. Saiba porém o leitor que toda a tenacidade do editor e dos membros do conselho editorial desta revista, foram inúteis diante da negativa adamantina de nosso patriarca em escrever ou mesmo falar sobre seus mais de 30 anos de experiência em hibridação, e que vai permanecer escondida sob a sua indisfarçável modestia e timidez.

Resta, portanto, trilhar as listas de prêços da Florália, pinçar um ou outro fragmento de suas conversas ou de informações de seus amigos mais próximos, o que por ele foi feito, e tentar, então, montar o travejamento deste trabalho. Isto porque a história da hibridação de orquídeas no Brasil tem dois períodos: pré e pós Rolf Altenburg. Todo orquidófilo de verdade precisa saber disso.

Ao mesmo tempo é impossível falar em hibridação sem falar de pessoas e híbridores, bem como das comunidades orquidófilas a que pertenceram. O trabalho intelectual é sempre produto de um grupo e hibridação, sobretudo bem sucedida, é sem dúvida um trabalho de conhecimentos científicos e intelectuais. No fundo do desafio para criar, existe latente a competição e só estando envolvido com orquidófilos de alto nível, haveria estímulo para Rolf Altenburg produzir o que produziu.

Já vê o ilustre leitor que vou desenterrar um baú de ossos falando de algumas pessoas que só conheço de ter ouvido falar, através do depoimento de Fernando Arlindo Parga, que viveu esta época. Além disso há o trabalho meticoloso, sério e tenaz de Luiz Mendonça que publicou uma revista "Orquídea", de padrão internacional, durante anos a fio. Minha esperança é que nosso associado e fundador Francisco Carvalho e Silva, que também viveu esta época áurea da orquidofilia, conte a estória, ou a história, com mais detalhes. Por ora vou tentar fazer o melhor que posso.

Bem sei que ao-eleger Rolf Altenburg para centro deste trabalho, já posso estar granjeando vários inimigos e sendo certamente acusado de sicofanta. Enfim, são riscos de quem tem coragem de expor sua opinião.

¹R. Uruguai 508/102, Tijuca, RJ.

Não desconheço, por exemplo, o extraordinário trabalho do Dr. Walter Haetinger, que em matéria de *L. purpurata* e *C. intermedia* é o responsável pelo que de melhor existe (e é imbatível) no seu Rio Grande do Sul. Haetinger porém, embora tenha atingido metas que fixou quarenta anos atrás, como conseguir florir uma *C. intermedia* aquinada coerulea e outra *C. intermedia* aquinada alba (que obteve no ano passado) circunscreveu seu trabalho ao desejo de seus conterrâneos gaúchos. Trabalhou apenas com intermedias e purpuratas.

Também tomei ciência das cruzas de Waldemar Silva da qual sobressai altaneira a SLC. Riffe 'burlingame', tão linda e tão nossa conhecida. Seria injusto não citar, ainda, os trabalhos de autofecundação e cruzas de Jorge Verboonen, mais ou menos na década de sessenta e os de Paulo Ewald de Santa Catarina.

Mais recentemente, como é óbvio, a lista aumentou e temos Aldomar Sander no Rio Grande do Sul, Sumio Nakashima e Sebastião Nagase em São Bernardo, Noboru Suzuki em Dracena e Adhemar Manarini em Campinas; os Wentzel pai e filho e Aniel Carnier em Rio Claro, Johny Suzuki em Itaquera, Amândio Pinho em Cotia e Alfredo Pinto em São Carlos, e um ou outro hibridador que posso ter esquecido, o que fará recair sobre mim sua ira eterna. Humildemente peço, portanto, desde já, minhas desculpas pela omissão, que se deve antes ao desconhecimento do que ao descrédito.

Já se vê, desta lista de hibridadores recentes, que o eixo da atividade deslocou-se, como quase tudo no Brasil, para São Paulo, entrando o Estado do Rio de Janeiro, na mais violenta decadência em matéria de hibridação artesanal ou em número de orquidófilos ativos. Não deixa de ser aliás um paradoxo, que as maiores casas comerciais do Brasil, o Binot e a Florália, estejam estabelecidas no Rio de Janeiro e aqui, muito recentemente, tenha se estabelecido a Aranda, que tem vocação para crescer.

Quem tem dúvida sobre a decadência da orquidofilia amadorística no Rio, deve examinar os mapas de venda da Florália. Em quanto São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e outros estados federados decolam em vendas, nosso Rio de Janeiro fica cada vez mais para trás. Do expressivo número de outrora, atingiu-se até bem pouco a estagnação, fato que a Orquidário vem procurando analisar para corrigir.

Voltando ao tema das hibridações, um capítulo especial deve ser dedicado ao conjunto de orquidófilos de alta categoria, que formava o grupo de importadores de matrizes, que verdadeiramente oxigenou a orquidofilia brasileira estimulando o trabalho de hibridação. Formavam verdadeiramente uma elite, lutaram juntos contra a mediocridade e levaram a orquidofilia brasileira, ainda nos anos cinquenta, a um nível que nunca mais voltou a ter. Basta folhear velhos números da revista "Orquídea" para constatar o fato. Artigos em inglês. Redação esmerada. Domínio absoluto do português e completo apuro.

Para entender a que nível pode chegar a mediocridade, deve o ilustre leitor saber, por exemplo que, nesta época, um grupo de orquidófilos brasileiros se opunha a julgamento, nas exposições, de espécies brasileiras conseguidas por cruzamento pela mão humana. Plantas para serem julgadas, deveriam ser retiradas

da floresta. O resultado é que se compravam "seedlings" dos orquidários comerciais, para colocar na floresta e adquirir a aparência adequada, sendo então "coletados".

Ora, se isto já era um enorme entrave à atividade de produção de espécies brasileiras, imagine-se a repulsa à hibridação e aos colecionadores de híbridos. Porque se existe uma coisa desagradável, hoje e sempre, é ouvir a cantilena de um colecionador de espécies praguejando contra um colecionador de híbridos. Pior, só a mesma coisa às avessas, isto é, o amante de híbridos criticando o de espécies.

Foi no início dos anos cinquenta que Guilherme Guinle, Sylvio Armbrust, Rolf Altenburg, Fernando Parga, José Dias Castro e outros, começaram a ir buscar na Bélgica, Inglaterra, Estados Unidos, Colômbia e outros centros avançados da orquidofilia mundial, matrizes cujos nomes hoje soam familiares, como a "Bow Bells", a "Edgard Van Belle", a "memória Crispim Rosales", a "Anzac", a "Sam Soya", a "Norman's Bay", a "Lindores" e outros híbridos para desenvolver a hibridação. Na mesma linha, as primeiras percivalianas, as trianaei, as chocoensis, as mossiaes e as gaskellianas.

Consigne-se, porém, que o ambiente orquidófilo no Rio de Janeiro, e sobretudo em Niterói, era então muito propício a que o "hobby" se expandisse, exposições de excelente nível ocorressem, e o mercado se ampliasse. Em primeiro lugar havia apoio integral do Diretor do Jardim Botânico, Campos Porto, neto do orquidólogo Barbosa Rodrigues. Ademais, pessoas de real poder econômico e bom gosto praticavam a orquidofilia, valendo citar, entre outros, Fausto Bebiano Martins da Cia. White Martins; José da Veiga Soares, com sua estupenda coleção de purpuratas em Areal, dedicando-se a industrialização de bacilos lácteos; Guilherme Guinle, que graças a Deus não assistiu ao que fizeram das plantas que doou ao Jardim Botânico; e o próprio Rolf Altenburg então controlador da Panquímica. A seu lado lutavam orquidófilos de extremo bom gosto: Agostinho Moreira; Dr. Moacyr Santos, médico de Macaé, ainda vivo e sua esposa D. Isaura, que dá o nome a C. labiata orlata 'Isaura'; Afrânio Silva Jardim que dirigiu a SBO e Luiz Schara, também ex-presidente, cujo filho vez por outra visita a Orquidário; Sylvio Armbrust; Allan Mackay, ainda vivo em Teresópolis; Harry Hagen; Hugo Porto pai do nosso Esdra Porto, de Maricá; D. Wanda Bartholdy, cuja casa ao lado do Palácio do Ingá, de tão linda foi tombada, cheia de Vandas em suas árvores, e que foi um dos alicerces da transformação da Sociedade Fluminense de Orquidófilos em Sociedade Brasileira, visando adquirir projeção nacional; Guido Pabst, a maior perda da orquidofilia nacional; João Saturnino de Souza, Eduardo La Rocque e outros.

Quando este grupo se articula - e os velhos exemplares da revista "Orquídea" mostram bem isto - a preocupação com a cultura de boas plantas, a qualidade das exposições, o bom gosto e sobretudo o cuidado com a forma e o estilo do que se publica, atingem um nível equivalente ao europeu ou ao norte-americano. Para começar eram todos homens de alto nível e sabiam escrever corretamente a língua mãe, sem falar de sua alta estatura moral e desprendimento. O que é o mínimo que se pode esperar de um líder.

Por outro lado, na mesma época, São Paulo tinha não apenas alto nível de orquidofilia, mas também de orquidologia. Hoehne, Dreyfus, Decker, Brieger são apenas alguns dos nomes que marcaram a orquidofilia nacional com suas publicações. Todavia, não se nota nos grandes centros da orquidofilia, tanto nesta época áurea como hoje em dia, um bom entrosamento entre os hibridadores comerciais e os botânicos, de forma a evitar erros primários.

De certo modo, sabia-se muito pouco sobre genética, cromosomos, dominância de cores, falso albinismo, compatibilidade da dimensão das flôres a cruzar, impossibilidade da dominância de algumas cores sobre as outras, como o vermelho sobre o amarelo etc...ou melhor, os botânicos e orquidólogos sabiam muito sobre estes assuntos, o problema é que não se conseguia estabelecer um casamento entre eles e os hibridadores, o que ainda ocorre hoje. Hoehne, Dreyfus, Decker, Pabst nunca estiveram interessados em cruzas ou híbridos, mas apenas em espécies. Salvo para cinco ou seis casas comerciais, das quais sobreviveram duas de grande porte, o Orquidário Binot e a Florália, o "hobby" orquidófilo sempre foi um divertimento. A venda de plantas um tema "tabú" para o simples colecionador. O interesse comercial por parte do colecionador era (e é) visto com um misto de desprezo e pena. Isto é um erro, mas infelizmente é assim que se comporta a falsa nobreza.

Ademais, segundo o depoimento de Jorge Verboonen, que aliás espelha a tendência mundial, a orquidofilia brasileira esteve não apenas concentrada em espécies, mas sobretudo concentrada em variedades da espécie e, dentro delas, tendências a forte concentração em albinismo. Durante décadas, buscava-se a planta alba, até se obter a divisão desejada. Os exemplares da revista "Orquídea" dos anos cinquenta e sessenta, demonstram esta tendência, não apenas nos anúncios, mas também no elogio das coleções onde houvesse elevado número de espécies albas.

Não foi sem razão, portanto, que os hibridadores e em especial, Rolf Altenburg tenham procurado produzir, a partir de cruzas ou autofecundação, espécies albas e híbridos albinos. Os anúncios publicados na revista "Orquídea", em 1952 e 1953, pelas casas comerciais M. Passos Silva, de Santos - São Paulo e Silva e Simões, de Petrópolis, já mostram um elevado número de ofertas de plantas albas, híbridas e naturais, em meio às ofertas gerais.

Esta busca do albinismo está revelada, por exemplo, nos catálogos dos anos cinquenta e sessenta da Florália. A hoje bastante conhecida Bc. Turandot resultante da cruzada alba C. Bob Betts com Bc. Pastoral alba, que se havia previsto ter descendência de albinos, terminou gerando predominância de lindos coloridos, entre os quais os clones 'Araraquara' e 'Guaxupé', hoje meristemados e acessíveis à compra.

Todavia, muitas vezes, como se obteve na cruzada 1350 da Florália (C. *gaskelliana* alba X C. *eldorado* alba) X C. *warneri*, ou como em C. Stella Polaris (C. Meige X C. Bob Betts) ou ainda em C. Rubens Ribeiro, as dominâncias genéticas foram albinas e os albos foram obtidos.

O problema com a obtenção de albinos, que frequentemente frustrava o hibridador, é que a forma albina das espécies, reveste-se das características genéticas de dominância ou recessividade. Alguns clones albinos são comprovadamente dominantes e, quando autofecundados, produzem filhos também albinos. É o que ocorre com *C. labiata* alba 'Angerer', *L. purpurata* alba 'Elias' e outros. Quando, porém, uma planta alba é geneticamente recessiva, tanto em autofecundação como em cruzas, ela geralmente produz filhos novamente coloridos. A cruz, aliás, acentua esta tendência, porque os elementos que faltam na ordem cromossômica de uma planta (e a fazem albina) têm alta probabilidade de serem completados pelo da outra, daí a frequente frustração de quem cruza duas albas e obtém, sem entender porque, produtos coloridos, o mesmo se verificando com duas coeruleas ou duas semi albas.

Segue no próximo número



ARANDA

ESPÉCIES BRASILEIRAS — HÍBRIDOS — PAPHILOPEDILUMS

VISITE NOSSAS ESTUFAS

Aranda - Plantas, Pesquisa e Comércio Ltda.
Estrada do Quebra Frascos S/Nº - Teresópolis - RJ